



Eduardo Guimarães¹

Resumo: Este texto tem como objetivo analisar o poema “Andorinha”, de Manuel Bandeira, a partir de um dispositivo de análise semântica do texto. Para isso, apresenta uma posição a respeito do que é texto e busca, nos estudos de crítica literária, um procedimento de análise que é transformado pela posição da semântica da enunciação e pela consideração da noção de recorte. Com este dispositivo é feita a análise do texto de Bandeira.

Palavras-chave: texto; poesia; recorte; enunciação; Manuel Bandeira.

Résumé: L’objectif de ce texte est analyser le poème “Andorinha” de Manuel Bandeira, à partir d’un dispositif d’analyse sémantique du texte. Pour cela il présente une conception de ce qui est un texte et cherche, dans les études de critique littéraire, une procédure d’analyse qui est transformée par la position de la sémantique de l’énonciation et par la considération de la notion de “recorte” [découpage]. Le résultat de l’analyse montre qu’un abordage non segmental du texte produit des résultats importants.

Mots-clé: texte; poésie; “recorte” [découpage]; énonciation; Manuel Bandeira.

¹ Professor da Universidade Estadual de Campinas DL – IEL/LabeurbUnicamp. E-mail: eg@reitoria.unicamp.br

Vou me propor aqui a fazer uma pequena análise de um muito conhecido poema de M. Bandeira. A primeira coisa que gostaria de dizer é que não vou me reportar à fortuna crítica do texto, pois o meu interesse não é me colocar no espaço da crítica literária especificamente, mas mostrar como procedimentos de análise semântica podem ser muito interessantes na sustentação das interpretações que se podem fazer sobre os textos em geral e, em particular, dos textos literários. Para sustentar minha análise, vou apresentar sumariamente o que venho utilizando como meu procedimento de análise de texto².

Texto: unidade de significação

Começo por retomar minha definição de texto: o texto é uma unidade de significação que integra enunciados. Assim, trata-se de uma unidade linguística que se caracteriza, como em geral se reconhece, por produzir sentido. E produz sentido na medida em que integra enunciados, ou, dito de outro modo, o texto é integrado por enunciados. Nesta medida, ressalto que não se trata, portanto, de pensar o texto como formado ou composto de enunciados, mas integrado por enunciados. Isso coloca a questão da significação do texto como não afetada diretamente por sua segmentalidade.

Os estudos atuais sobre texto na linguística não procuram dizer o que um texto significa; procuram dizer como um texto se constitui enquanto tal e como há funcionamentos linguísticos próprios para isso. É isto que podemos encontrar em *Cohesion in English* (HALLIDAY; HASAN, 1976). Mas desse trabalho ressalto que os autores consideram o texto como uma unidade semântica³, tal como faço. E eles dizem também que o texto é uma unidade de uma espécie diferente da sentença (eu diria enunciado). Não há no texto uma relação estrutural do tipo da que há entre o enunciado e seus elementos (sujeito e predicado, por exemplo).

² A este respeito, estou publicando um livro onde esses aspectos estão mais desenvolvidos.

³ "A text is best regarded as a SEMANTIC unit: a unit not of form but of meaning" (HALLIDAY; HASAN, 1976, p.2).

Feita essa distinção, os autores vão definir *textura* (que vou chamar *textualidade*) como um conceito apropriado para expressar a propriedade de “ser um texto” (HALLIDAY; HASAN, 1976, p.2). Para mim, a textualidade é exatamente constituída pela relação de integração (enunciados integram texto e assim produzem sentido).

Deste modo, o texto é uma unidade no sentido de ser algo finito e que se caracteriza por integrar enunciados. Ou seja, que se caracteriza porque tem uma relação com outras unidades de linguagem, os enunciados, que são enunciados e que significam em virtude dessa relação.

Um aspecto que precisa ser considerado aqui é que essa relação de integração se dá porque ela é constituída pela relação de enunciação, porque um falante, no sentido que dou a esse termo (GUIMARÃES, 2002), preenche a distância que se instalaria entre os segmentos, já que eles não se combinam nem mecânica nem segmentalmente.

Assim, o texto é uma unidade e se apresenta por um engajamento do falante, num certo espaço de enunciação, como texto. Essa relação de engajamento é o que vou chamar de relação de autor⁴. E é essa relação de autor que significa a relação de integração dos enunciados com a unidade texto. Essa relação de autor apresenta como uno o que é disperso.

Dispositivo de análise

Para começar, especifiquemos o sentido da expressão “análise de texto”. Trata-se, para mim, de interpretar e compreender o processo de produção de sentido de textos, para deste modo se poder dizer que sentidos podemos reconhecer num certo texto particular.

Para avançar naquilo que nos interessa, vou buscar, no âmbito dos estudos da literatura, um espaço em que o texto é diretamente objeto de análise, alguns elementos que me levaram ao estabelecimento de meu dispositivo de análise. Vou me valer da posição de um

⁴ Esses aspectos, nos termos de um momento anterior de minha posição na semântica da enunciação, estão em *Texto e enunciação* (GUIMARÃES, 1995).

conhecido crítico, Leo Spitzer (1948)⁵, que se dedicou a pensar procedimentos linguísticos de análise e interpretação de textos literários.

○ procedimento de análise textual que procuramos desenvolver no decorrer da prática de análise se inspira, de modo livre, no procedimento “filológico” de Spitzer presente em um texto com o qual tive meu primeiro contato no início dos anos 1970 (SPITZER, 1948).

As posições de Spitzer (assim como de outros críticos como Rifaterre⁶ (1979)) têm a característica, tal como para mim, de considerar o texto como uma unidade que interessa porque significa. Por outro lado, ambos, embora de modos diferentes, consideram que a questão do sentido do texto não pode reduzir-se a um tratamento referencial.

Esse aspecto me interessa particularmente, pois o sentido das expressões linguísticas têm a ver com os textos em que estão⁷.

○ que fundamentalmente me interessa no pensamento de Spitzer é o que ele chamou de o gosto pelo detalhe: “Meu método pessoal consiste em passar da observação do detalhe a unidades cada vez mais amplas, que descansam em grande medida na especulação” (p.42). Esse gosto pelo detalhe aparece bem caracterizado no parágrafo que segue:

Evidentemente que procuro descobrir a significação no detalhe, o hábito de tomar um detalhe lingüístico com a mesma seriedade que o significado de uma obra de arte, ou, em outras palavras, a atitude que considera todas as manifestações do homem como igualmente sérias, é uma conseqüência da firme convicção preestabelecida – do “axioma” do filólogo – de que os detalhes não são uma reunião casual de

⁵ Léo Spitzer nasceu em Viena em 1887 e faleceu em 1960 nos Estados Unidos, onde trabalhava na Johns Hopkins University. A obra aqui citada é de 1948; teve uma edição em espanhol em 1955, pelo Gredos. Utilizo a edição de 1974.

⁶ Michel Rifaterre nasceu em 20 de novembro de 1924 em Bourgneuf, na França, e faleceu em 2006, em Nova Iorque, onde trabalhou na Columbia University. Utilizo aqui a tradução para o português de 1989.

⁷ Em virtude do procedimento de análise que utilizo, preciso deixar entre parênteses o caráter estrutural da análise de Rifaterre.

material disperso que nenhuma luz deixa mostrar. (p.42-43).

Assim, o que vemos é que, para Spitzer, a entrada, para se compreender um texto, não é pelo começo, mas por algum detalhe que deve ser considerado, em seguida, na relação com o texto que o faz significar. Como ele diz, o primeiro passo se faz “pela consciência de um detalhe que nos chama a atenção junto com a convicção de que esse detalhe mantém uma relação fundamental com o conjunto da obra artística” (p.49).

Transponho agora a atitude básica do procedimento de análise de Spitzer para uma posição não idealista, nem humanista, como a que venho apresentando. Há em tudo que ele diz que o que faz um detalhe significar é sua relação com a obra enquanto unidade. Podemos dizer isso de outra maneira. E essa posição, vamos tomá-la a partir de nossa concepção semântica, segundo a qual o sentido de uma expressão linguística se constitui pelo acontecimento de enunciação (GUIMARÃES, 2002).

Por outro lado, enquanto semanticista, consideramos que a unidade de análise semântica é o enunciado. E consideramos que o enunciado é um elemento linguístico que integra texto. Ou seja, para que um certo tipo de sequência linguística⁸ seja enunciado, é necessário que integre texto. Como se vê, desse ponto de vista, o próprio modo de conceber a tarefa da semântica leva a uma certa concepção de texto, que já apresentada.

Como disse, texto é uma unidade de sentido integrada por enunciados. Ou seja, um texto não é um conjunto de enunciados, nem é uma unidade composta de enunciados. A relação de integração é aquela que constitui sentido; ela se caracteriza por ser a relação de um elemento linguístico de um nível com elemento de nível superior. E não se trata de uma relação caracterizada pela segmentalidade. A integração se faz por uma relação transversal entre elementos diversos e

⁸ Para mim, um enunciado é uma sequência linguística que tem como características ter consistência interna e, ao mesmo tempo, independência relativa. Sobre isso, ver, por exemplo, Guimarães (2006a, p.121-123).

a unidade à qual se reportam. A relação entre os elementos não é de contiguidade, não se marca pela direção da segmentalidade.

Para a posição que aqui assumimos, a concepção de funcionamento do texto diz respeito a procedimentos de constituição de sentido que não é segmental. E a compreensão disso pode ser melhor apresentada na medida em que apresentarmos os procedimentos de análise. Para a análise considero, reportando-me ao movimento do dispositivo de análise de Spitzer⁹, considerando que não se pode pensar em seguir a linearidade textual. Antes de apresentar o procedimento, retomo uma definição de recorte¹⁰ de análise, que será fundamental aqui. Do ponto de vista de nossa análise enunciativa, o recorte é um fragmento do acontecimento da enunciação. Não se trata simplesmente de uma sequência, mas de formas linguísticas que aparecem como correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento, independentemente da posição na sequência (GUIMARÃES, 2008).

Podemos, assim, estabelecer o seguinte procedimento:

1) toma-se um recorte qualquer, a partir de uma leitura atenta e mesma repetida do texto, e produz-se, considerando uma posição teórica, uma descrição de seu funcionamento;

2) interpreta-se seu sentido na relação com o texto em que está integrado;

3) chega-se a, ou toma-se, outro recorte e faz-se dele uma descrição;

⁹ Seria interessante lembrar aqui as análises que encontramos em Zancarini e outros (2008), ao trabalharem com o que os autores chamam “filologia política”. Nesse caso, o interesse é trabalhar com a constituição dos sentidos de palavras em textos políticos do século XVI.

¹⁰ A noção de recorte com a qual opero vem da seguinte conceituação, feita no interior da análise de discurso (ORLANDI, 1984, p.14) e tal como a utilizo desde *Texto e argumentação* (GUIMARÃES, 1987, p.13-14): “o recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim um recorte é um fragmento da situação discursiva” (ORLANDI, 1984, p.14).

4) interpreta-se seu sentido na relação com o texto em que está integrado, tendo em vista a interpretação feita do primeiro recorte;

5) busca-se um novo recorte etc, até que a compreensão produzida pelas análises se mostre suficiente para o objetivo específico da análise.

Aqui é preciso reiterar que tanto os recortes como a interpretação de seu funcionamento se fazem a partir da posição teórica específica. É essa posição que nos indica a pertinência do que recortar. A isso se junta a leitura atenta e reiterada do texto a ser analisado.

É para esse procedimento tem particular interesse os dois funcionamentos gerais próprios do acontecimento, do texto: a articulação (predicação, determinação, aposição, argumentação etc) e a reescrituração (GUIMARÃES, 2002, 2004, 2007, 2009). Essa última consiste em se redizer o que já foi dito. Ou seja, uma expressão linguística reporta-se a uma outra por algum procedimento que as relaciona no texto integrado pelos enunciados em que ambas estão. É o caso de *pré-candidata*, *a senadora* e *Marina* no exemplo (1) dado no início. Este procedimento se caracteriza por fazer interpretar uma forma (reescriturada) como diferente de si (em virtude da reescrituração). E, nessa medida, a reescrituração é um procedimento que coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição do sentido pelo acontecimento.

Uma análise de “Andorinha”

Retomemos o poema:

Andorinha

Andorinha lá fora está dizendo:

— “Passei o dia à toa, à toa!”

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!
Passei a vida à toa, à toa . . .

Vejam os que nos parece proeminente nesse texto. Como reescrituração, temos a repetição da palavra andorinha no título, no primeiro e no terceiro versos. Por outro lado, temos uma apresentação em discurso direto das palavras da andorinha, o que já coloca a andorinha como personagem do poema, a quem o poeta fala na segunda estrofe. Isso nos leva à caracterização das cenas enunciativas do texto. Ou seja, de que lugar e como fala o locutor a seu interlocutor. A tudo isso podemos, ainda, relacionar a própria organização das estrofes (são dois dísticos) e pensar na sua métrica, já que claramente se trata de um poema em versos brancos, sem rima. Tomemos o primeiro recorte:

1) A reescrituração por repetição

“Andorinha” aparece no título. Esse é o nome do poema. Nesta medida, “Andorinha” é um nome próprio. Esse nome é retomado em seguida na palavra seguinte, a primeira do primeiro verso que toma andorinha como uma forma de referir a algo, a andorinha (o pássaro) do título do poema. E aqui temos um aspecto importante, andorinha está no singular. E não se trata de uma referência genérica a um conjunto de andorinhas, que teríamos, por exemplo, em “andorinha é um pássaro que anda em bando”, pois, na sequência, a palavra é mais uma vez retomada, num vocativo, que toma a andorinha na sua singularidade, uma andorinha a quem o poeta fala. Isso nos leva a uma conexão com um dizer popular: “uma andorinha não faz verão”. Essa é uma andorinha que normalmente anda em bandos. Essa andorinha está só. Solidão da qual o poeta compartilha. E aqui toma relevo um outro sentido que se poderia dar, em outras condições, ao dizer popular. “Uma andorinha não faz verão” pode significar “a união faz a força” etc. Deste modo, o sentido

da solidão se configura como oposta ao sentido da união, do conjunto, das relações com os demais.

2) As cenas enunciativas

A primeira coisa a observar é que temos duas cenas distintas, a da primeira estrofe, e a da segunda estrofe. Na primeira estrofe, temos uma cena seguinte:

O Locutor, enquanto locutor poeta, nos narra: há lá fora uma andorinha dizendo: “passei o dia à toa à toa”.

Trata-se então de uma narrativa, da narrativa de um dizer de outro, da andorinha.

Na segunda estrofe, temos um dizer diferente:

O Locutor, enquanto locutor poeta, diz à andorinha: “passei a vida à toa à toa”.

E ele qualifica este seu dizer; é como a da andorinha, uma cantiga, só que mais triste. Assim a solidão do poeta; esse sentido nós o encontramos na análise de primeiro recorte, é maior que a solidão da andorinha.

E na configuração dessas cenas temos a configuração do espaço do poema. Ele está marcado pelo lá fora da narrativa da primeira cena. Aquilo que se narra está “lá fora”. E o dentro é significado não por ter sido dito, mas por oposição ao “lá fora” da narrativa sobre a andorinha. Assim, o poeta que narra e que fala com a andorinha está dentro, está na sua casa, o lugar da sua solidão. Desta forma, o sentido da solidão se combina ao do lugar íntimo da casa, da vida pessoal. Deste modo, isso reforça o sentido da solidão pela vida toda.

3) As estrofes e os versos

Vemos que o poema é organizado em dois dísticos, dando tanto à narrativa sobre a andorinha, quanto ao dizer do poeta a ela, um paralelismo completo. E esse paralelismo se acentua se observamos que podemos considerar alguns aspectos da métrica: o primeiro verso do primeiro dístico é de 10 sílabas e

o segundo, de 8. E é interessante que essa métrica exige a pronúncia do vocativo de modo integral, sem a junção do final de andorinha com o início de andorinha (ambos com a) e, por outro lado, exige uma pronúncia bem ao tipo do cotidiano entre cantiga e é, que se diz, então, [minha “cantigémais” triste]. De um lado, a presença proeminente da andorinha; de outro, a linguagem do cotidiano, a intimidade com ela. Quanto ao primeiro verso da segunda estrofe, podemos considerar que ele é dividido em dois segmentos de 7 sílabas cada um e que o segundo verso da segunda estrofe tem também 8 sílabas. Assim, vemos que a narração do poeta se dá com uma métrica e sua fala para a andorinha com outra.

No primeiro caso, o caráter mais solene e neutro do decassílabo; no segundo, a maior intimidade da redondilha menor, tão própria das quadras populares, entre outras coisas. Desse modo, vemos como toda a edificação do poema vai sobrepondo elementos que distingue, de um lado, uma narrativa, e, de outro, o dizer do poeta para a andorinha, assim como ele, solitária. E a isso se junta um importante aspecto: o dizer do poeta tem tal como o dizer da andorinha 8 sílabas; são dizeres com o mesmo ritmo, são dizeres da mesma solidão.

Desta maneira, vemos como o poema vai dizendo de modo consistente, de um lado, uma narração, uma afirmação objetiva, de outro, um dizer íntimo, uma revelação da alma do poeta. E esse dizer da alma do poeta tem a ver com aquilo mesmo que ele vê e nos conta. Ele já vê no mundo a sua própria tristeza, a sua própria solidão.

Referências Bibliográficas

GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. Enunciação e história. *História e sentido na linguagem*. 2.ed. Campinas: RG, 2008. p.71-79.

_____. Texto e enunciação. *Organon*, Porto Alegre, v.23, p.63-68, 1995.

_____. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

_____. Domínio semântico de determinação. In: _____ *A palavra: forma e sentido*. Campinas: RG/Pontes, 2007. p.79-96.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1987.

RIFATERRE, M. *A produção do texto*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SIPTZER, L. *Lingüística e história literária*. Madrid: Gredos, 1974.

Aceito em: 03.06.2010

